



**Meu Painho
adolescente**

★ LITERATURA DE CORDEL ★

A HISTÓRIA DE LUIZ LISBOA DE OLIVEIRA

— (Pombo do Covão) —



AUTOR: Jarbas Gama (Bisneto de Pombo)
15/08/2026

Oração a Nossa Senhora das Vitórias

"Santíssima Virgem Maria, Nossa Senhora das Vitórias, filha dileta de Deus Pai, Mãe de Jesus, nosso Salvador, tabernáculo do Espírito Santo, eis-me aqui diante de vossa imagem, para consagrar-me inteiramente a vós. Trago-vos, Senhora, minha vida, meu trabalho, os sofrimentos e as alegrias, as lutas e as esperanças, tudo que tenho e que sou para oferecer ao vosso filho por vossas mãos de mãe. Sou todo vosso, ó Maria. Peço vossa proteção para nunca abandonar a fé católica, traindo a Jesus. Conservai-me na graça de vosso divino filho. Dai-me força para viver de verdade o amor fraterno e assumir minha responsabilidade de cristão no mundo. ó Senhora das Vitórias, aceitai-me como filho(a) e guardai-me sob o vosso manto protetor. Amém!"



Seis décadas se passaram
Desde o dia da partida,
Mas a semente plantada
Segue forte e florida.
Com Pombo do Covão,
Na Capela em oração,
Celebramos sua vida.
Com prece, amor e saudade,
Honramos com lealdade
Essa história tão bonita!



Chã, o povoado
Em Araci, antigo Raso
Dia seis de outubro o dia
De festa e alegria
Mil oitocentos e oitenta e dois
No estado da Bahia
O Menino Luiz Lisboa
Para o mundo surgia.



Seu pai era Antônio Lisboa,
Aguardando seu filho chegar
Mamãe Antônia mais alegre
De certo não podia estar.
Maria Badessa, a babá,
Que tanto veio a lhe amar,
Vendo o galego parrudo:
— "Pombo vou lhe chamar!"



Em quarenta e oito a promessa
Foi cumprida pelo casal,
Erguendo a bela capela
No meio da Fazenda Pontal:
À Nossa Senhora da Vitória,
Num feito bem triunfal!

O Padre Demócrito veio
Fazer missa especial,
E depois seguiu a festa
Mais bonita do sertão,
Com o povo festejando
De alegre coração!





Após dois anos de lida,
 Pra fugir da solidão,
 Ormínia Constantina
 Virou sua salvação,
 Cuidando com todo amor
 Do seu nobre coração.
 Em Biritinga, no Pontal,
 Fazenda Japão, o chão...
 Ali ganhou outro apelido:
 O grande **Pombo do Covão!**

Vieram os outros filhos
 Que a vida lhe concedeu:
 Marieta, José Fabiano
 Que muito cedo faleceu,
 Pombinha, Anita e Moisés,
 Quanta benção do Senhor!
 Preta, Zé de Pombo e Daniel
 Que virou anjo no céu,
 Loura e Aloísio por fim,
 Fechando esse grande véu.
 Família numerosa e unida,
 Coberta por muito amor.



Na noite de São João,
No ano de sessenta e seis,
Acendeu sua fogueira
Pra brincar mais uma vez,
Com filhos, netos e sobrinho
Como sempre ele fez.



Na hora de se deitar,
Vendo a festa no vizinho,
Resmungou bem de mansinho:
— "Eita gente festeira!"
E ao lado do seu amor,
Dormiu a noite inteira.



Como era o grande costume
De quem vivia por lá,
Às cinco da madrugada
Acordavam pra rezar.
Ermínia chamava a todos
Para a fé se renovar.
Mas naquela alvorada,
Pombo não ia acordar:
Seu coração tão gigante,
Tão bondoso e sem igual,
Parou de bater no peito,
Descansando em paz afinal.

Com Agda e Lázaro, os cunhados,
Chico e Dionísia seus filhos
Amados

Dois casais foram formados
Logo veio a notícia que seria avô

Mas a alegria virou dor,

Pois o Senhor a levou:

Dionísia, aos dezessete,

No seu parto não aguentou.

A pequena Danda,

Que como filha ele criou,

Dando carinho e amor!



Pombo era um grande vaqueiro
Que trabalhava pra Roque,
A seu tio que não tinha herdeiro
Fez uma grande promessa
Se comprasse essa fazenda
Com seu suor e dinheiro,
Com a fé em Nossa Senhora
Construiria uma bela capela
Sendo um grande fazendeiro.
Virou coronel de terra,
Querido no Pontal inteiro!





O menino fez-se homem,
Decidiu se apaixonar,
Foi buscar seu primeiro amor
Onde ninguém ia esperar:
Pela filha da freira se encantou,
E com Rosa foi se casar!

Tiveram logo cinco filhos
Para a casa se alegrar,
Mas o destino fez a esposa
Muito cedo pro céu mudar.
Dionízio e Tonho partiram,
Restando os três pra ele criar:
Rosinha, Chico e Dionísia,
Sob a luz do seu olhar.



Pombo resolveu voar,
Bateu asas noutro vento,
Deixando legado e dor,
Saudade sem acalento,
Que o poeta definiu

Neste exato pensamento:

“Com o peito adoentado a alma chora,
Feito gripe que de noite só piora,
Uma dor maior que vinte dor de dente,
Judiando até do cabra mais valente,
Sem ter pena, sem ter dó e nem piedade”...

Foi ao lado da capela
Que o seu corpo descansou.
A Fazenda Pontal inteira
Em pranto se curvou:
Ficou pequena pro adeus
Do grande homem que voou!

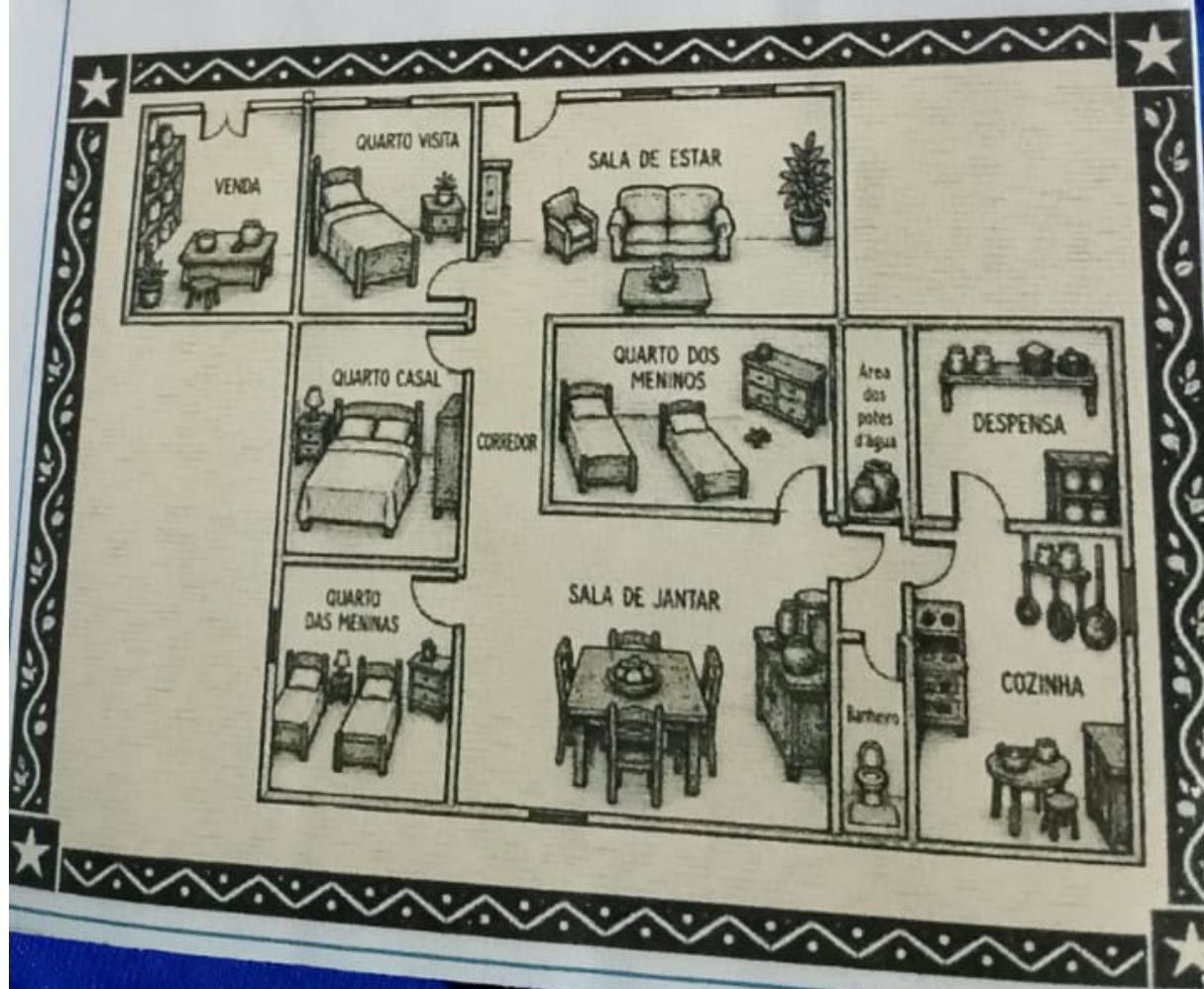
Foi fazendeiro, Dono de venda e coronel
Construiu capela, cemitério, casas de farinha
Na fazenda tinha mandioca, feijão, milho e
mel

Criou boi, ovelha, porco e galinha
Uma vida bem vivida, trabalhou pra dedéu

Mas o seu maior legado
Foi a família que ergueu:

Filhos, netos, bisnetos,
Sob a graça do bom Deus,

Reunidos em união
Honrando os passos que deu!



Com a capela já pronta,
Um lindo sino comprou,
Trouxe imagens sagradas
Que o tempo conservou,
E às seis horas da tarde
O Anjo do Senhor ressoou!



No dia quinze de agosto
Era festa e oração,
À Nossa Senhora das Vitórias
Com o povo em comunhão.
Há sessenta anos sem ele,
Segue viva a tradição!